



TURQUIA

# O poder em xeque

No comando do país há duas décadas, presidente Recep Tayyip Erdogan enfrenta oposição unificada e grave crise econômica como obstáculos nas urnas, hoje. Pesquisas apontam vitória do rival Kemal Kiliçdaroglu, que pode se eleger no primeiro turno

» RODRIGO CRAVEIRO

Recep Tayyip Erdogan, 69 anos, recorreu à intervenção divina, na véspera da eleição decisiva que poderá retirá-lo do poder depois de duas décadas — 11 anos como primeiro-ministro e nove na condição de presidente. Escolheu orar na Santa Sofia, uma basílica bizantina de Istambul, construída no século IV e transformada em mesquita por ele próprio, em 2020. “Todo o Ocidente ficou atordoado! Mas eu fiz”, gritou ele para os apoiadores, sobre a conversão da Santa Sofia. Em 2017, o líder do partido conservador e islamita AKP sancionou uma legislação que introduziu o presidencialismo na Turquia. Hoje, 64 milhões de eleitores vão às urnas para decidir se renovarão o mandato de Erdogan por mais cinco anos ou se darão um voto de confiança ao opositor Kemal Kiliçdaroglu, 74, do Partido Republicano do Povo.

Pesquisa feita pelo instituto Konda sinalizou que Kiliçdaroglu terá 49,3% votos contra 43,7% para Erdogan. Os números colocam o rival do presidente com boas chances de conseguir uma vitória definitiva no primeiro turno, o que evitaria nova rodada eleitoral em duas semanas. Além da grave situação econômica, Erdogan tem como obstáculo uma oposição unificada. Na quinta-feira, três dias antes das eleições presidenciais e parlamentares, Muharrem Ince — líder do partido Memleket (“Pátria”) — retirou-se da disputa e ampliou as chances de Kiliçdaroglu. Ince tinha entre 2% e 4% das intenções de votos nas últimas sondagens.

Enquanto Erdogan concluiu a campanha eleitoral em Santa Sofia, Kiliçdaroglu fez uma visita simbólica ao mausoléu de Mustafa Kemal Atatürk, fundador da Turquia moderna, em Ancara. “Estão prontos para a democracia? Para a paz reinar neste país? Eu estou. Prometo isso a vocês”, declarou, na véspera, durante o último grande comício, na mesma cidade. Entre suas principais promessas, estão o retorno ao parlamentarismo e ao Estado

## Povo fala

**Onur Özcan,** 32 anos, consultor de marketing, morador de Istambul



“A disputa é acirrada e as apostas são altas. A conclusão está envolta na névoa da imprevisibilidade política. O resultado final não será apenas um reflexo do clima político atual, mas também um eco dos laços e lealdades profundamente arraigados da população turca.”

**Aysu İlayda Kurt,** 23 anos, estudante, moradora de Ancara



“Minha expectativa para as eleições de hoje é por mudança. Acho que o candidato da oposição, Kemal Kiliçdaroglu, vencerá a disputa, devido às condições econômicas do país e aos efeitos do terremoto de 6 de fevereiro (com 59 mil mortos). A noite deste domingo não será calma.”

**Derya Hekim,** 39 anos, economista, moradora de Bursa (oeste)



“O povo turco perdeu o poder aquisitivo e a desigualdade de renda se agravou. Os eleitores devem levar essas questões em consideração nas eleições de hoje. Por outro lado, Erdogan é um líder carismático. Alguns eleitores creem que os problemas econômicos somente serão solucionados se ele continuar no comando do país.”

de direito, a separação dos poderes e a libertação das dezenas de milhares de presos políticos.

Gül Berna Özcan, especialista em Turquia da Universidade de Londres, admitiu ao **Correio** que Erdogan enfrenta a “maior ameaça ao regime que ele construiu ao longo do tempo, por meio de alianças”. “Ele está atrás do líder da oposição nas pesquisas, e a diferença tem aumentado. A menos que haja uma surpresa de última hora, é provável que o presidente perca o poder no primeiro turno”, explicou.

## Declínio

De acordo com Özcan, a popularidade de Erdogan enfrenta um declínio motivado por uma série de razões. “Os indicadores econômicos são pobres, os salários estão em queda e as taxas de inflação, em alta. Além disso, pesa contra ele sua gestão corrupta e nepotista da economia. A Turquia enfrenta um enorme desemprego entre a parcela mais jovem e educada da população, além de uma fuga de cérebros”, comentou. Ela apontou que a longa permanência de Erdogan no poder tornou o regime menos propenso a ouvir as demandas populares.

Özcan acusou o partido governista AKP, liderado por Erdogan, de minar a liberdade de imprensa e outras instituições. “A Turquia não tem uma imprensa livre, um sistema de educação científica nem justiça econômica. A corrupção está por toda a parte. Ideias retrógradas floresceram em um número crescente de escolas de pregadores que promovem ideologias medievais.” Moradora de Bursa (oeste), a economista Derya Hekim, 39, assegurou ao **Correio** que a eleição de hoje é “a mais importante desde 2002”. “Isso porque a economia turca tem várias deficiências. O Banco Central esgotou as reservas. A nossa moeda, a lira, perde valor. Temos enfrentado uma inflação de quase 90%. O terremoto de 7,8 graus em Kahramanmaraş, em 6 de fevereiro passado, afetou a economia.”

Adem Altan/AFP



Kiliçdaroglu (C) caminha em direção ao mausoléu de Mustafa Kemal Atatürk, fundador da Turquia moderna

Vaticano/AFP



## Papa Francisco recebe líder ucraniano

O presidente Volodymyr Zelensky evocou, no Vaticano, durante encontro com o papa Francisco, “a tragédia de milhões de ucranianos”. “Sou grato a ele por sua atenção pessoal à tragédia de milhões de ucranianos”, escreveu Zelensky nas redes sociais, depois de se reunir por 40 minutos com o pontífice argentino de 86 anos. Zelensky contou que, entre os temas abordados, está o destino de “dezenas de milhares de crianças deportadas” das áreas ocupadas por tropas russas. Segundo o Vaticano, durante a audiência, os líderes se referiram à “situação humanitária e política na Ucrânia” desde o início da intervenção russa, em 24 de fevereiro de 2022. Ambos concordaram em “continuar os esforços para apoiar a população”. O líder católico presenteou o ucraniano com uma escultura em bronze de um ramo de oliveira, símbolo da paz. Antes, Zelensky se reuniu em Roma com o presidente italiano, Sergio Mattarella, e com a primeira-ministra, Giorgia Meloni.

## HORROR NO QUÊNIA

# Mortos em seita de jejum passam de 200

Igreja Internacional da Boa Nova. O nome da seita e a retórica de seu líder, o “pastor” Paul Nthenge Mackenzie, 50 anos, atraíram fiéis ávidos em descobrir na religião um suporte para a vida marcada pelas dificuldades econômicas, na região da floresta de Shakahola, no leste do Quênia. Sob a promessa de que encontrariam Jesus Cristo, Mackenzie convenceu seus seguidores a orar e a praticar jejum até a morte, enquanto se isolavam na mata. O escândalo foi trazido à tona por Hussein Khalid, diretor executivo da organização não

governamental (ONG) Haki Africa, no mês passado, depois que familiares de fiéis da seita denunciaram o desaparecimento e pediram sua ajuda. Em entrevista ao **Correio**, Khalid afirmou que 201 corpos foram retirados de covas coletivas, distribuídas em duas áreas principais da floresta de Shakahola.

“Uma delas, descoberta na última terça-feira, está situada perto da casa de Mackenzie. Na última vez que fizemos a exumação, tínhamos encontrado 110 cadáveres. Desde então, descobrimos mais 91 corpos.

Yasuyoshi Chiba/AFP



Sacos com corpos exumados: inanição, asfixia e estrangulamento

Por meio da necropsia, vimos que nem todos os fiéis morreram de fome. Há sinais muito claros de que alguns deles

foram assassinados por asfixia e por estrangulamento. Em um dos mortos havia marcas de mãos ao redor do pescoço.”

Khalid contou que em alguns corpos há indícios de golpes com objetos contundentes. “Um grande número dos fiéis morreu de inanição, mas outros foram asfixiados ou torturados. Também encontramos cerca de 50 sobreviventes na floresta. Eles apresentavam diversas condições: alguns mostravam extrema fraqueza, outros estavam à beira da morte, por conta da fome. Também vimos pessoas em boa situação”, disse. O ativista revelou que a polícia teve dificuldades em distinguir sobreviventes de suspeitos. Isso porque alguns dos fiéis auxiliaram seus colegas a jejuarem até a morte. “Quem foi convencido a jejuar receberá o suporte das autoridades e será devolvido às suas famílias”, acrescentou. Entre os detidos, estão integrantes

de uma “gangue de capangas”, que vigiavam os seguidores de Mackenzie para que não violassem o jejum nem tentassem abandonar a floresta.

A agência de notícias France-Presse informou que alguns corpos tiveram as vísceras removidas, o que sugere uma rede de tráfico de órgãos humanos. O diretor da Haki Africa demonstrou surpresa e consternação. “É chocante o fato de termos um governo e agências de segurança em atividade, e, ainda assim, tantas pessoas serem tão suscetíveis a ideologias religiosas radicais. Muitos quenianos se deixam levar por líderes religiosos que os incitam a fazer várias coisas. Precisamos encontrar meios de regular o setor religioso no Quênia, principalmente nas áreas rurais”, afirmou Khalid. (RC)